

O EXEMPLO

JORNAL DO POVO

10 de Julho de 1904

As nossas associações

A molestia do mando

(Continuação)

A mania de infallibilidade directora de que estão cheios os nossos homens e as nossas associações e de que começamos a falar no numero anterior, está a pedir radical transformação para o bem estar dos cremios.

Os homens são fructos das épocas, e a nossa época não conformando-se com espirito de rotina que serve de base a esta autoridade ridicula e condemnavel, somente produz homens que com ella não se conformam e dahi a lucta constante que produz o enfraquecimento e o descrédito da maioria de-nossas associações, senão de todas.

Para tal mal só um remedio existe: é a responsabilidade tão directa quanto possível de cada membro da communhão nos actos de sua administração, e o collocar o corpo director na posição de um fiel reflector da vontade collectiva a qual se deve manifestar o maior numero de vezes possível pelas assembleas geraes.

Mas é necessario, tambem, que estas assembleas sejam compostas de individuos responsaveis por seus feitos, capazes de pensar a agir só no beneficio collectivo, sem considerações subalternas suggeridas pelos interesses ou vaidades de compadres ou amigos.

É preciso, de uma vez para sempre, que os membros dos cremios deixem de accusar sua direcção e se responsabilizem e que cada um chame a si a parte que lhe deve caber na responsabilidade geral. É tempo de enveredar as associações todas pela larga estrada de uma existencia nova moral e de utilidade geral, é tempo, enfim, de nos impormos por nossa acção, por nosso criterio na maneira de pensar e agir.

Basta já de soberania directora! basta já de desavencas ridiculas e desmoralisadoras! basta já de desastres e de misérias! É tempo de agir de forma benéfica e útil.

É preciso de uma vez para sempre que a vaidade pessoal se transforme em satisfação, em orgulho da grandeza collectiva, que ao invés de cada um se preoccupar de ser grande, numa corporação pequena, contente-se em trabalhar para formar uma corporação poderosa da qual seja um "pequeno" membro, porque mais vale ser "pequeno" parte de uma associação que se imponha por seu valor, do que ser presidente de um grupo desconhecido cuja voz não pôde ser ouvida porque nem tem vida moral, nem economica que a recomende.

Pensai — homens das associações — na necessidade que tendes de melhorias de engrandecimento, de faz-la-a-vos valer afim de que vós mesmos tenhais valor, e esforçai-vos por sacrificar vossa vaidade ao vosso beneficio e ao beneficio geral.

Reparos

Não reparo aqui namoros
E sim um typo impostor,
Que atrou co'um desadoros
Nas ventas do cobrador.

O seu André Lydio Filho,
O heroe desta facanha,
Entra agora no sarilho
Sem gasto de muita banha.

Pois, tal André cara-dura
Que andrô nos quiz deixar,
Do jornal ama a leitura
E não gosta de o pagar.

K. Zusa.

Desalinhavos

Devo ao amigo Canguarino os apuros em que me vi esta semana.

Bem razão tem o administrador cá da casa, quando diz sentenciosamente: — Mestre Canguarino, você um bello dia, com seus engrasamentos, convenceu um pobre diabo, que tem as forças superiores a um touro; que o pôde subjugar pelas aspas e assim levá-lo a desgragado a morte por tel-o acreditado. E' o que me está acontecendo.

O amigo Canguarino, metteu-me na moleira que era facil' escrever, que eu dava para a conta, enfim, engrasou-me a valer e ci-me em apuros, mas que apuros!

Procurei o director, e disse-lhe que me desculpasse, pois nada podia escrever para este numero, não tinha assumpto, etc.

O director, depois de ouvir-me, fitou-me demoradamente como se quizesse observar o effeito que produziram as suas palavras e disse-me:

— Meu amigo, assumpto existe e se accceitar o meu conselho, encontre-o-á. Divorcie-se da sua eterna companheira d' Preguiça, e immediatamente poderá escrever.

E levantando-se alegremente, disse-me:

— Bem, vou dar lições; até logo.

E já sahi' rua fora, naquelle passo que dá-me a idéa de uma locomotiva a todo vapor.

Conservei-me ainda no escriptorio, praguejando contra o Canguarino, o verdadeiro culpado dos meus apuros, malizendo tambem a minha vaidade que se tornou a acceitar os seus caracatinhos do eterno lizongeiro cá da casa. E por muito tempo assim conservei-me-a, se as pausadas badaladas do relógio da nossa velha Cathedral não annunciasssem as 11 horas da noite. Então, triste e macambuzo, segui vagarosamente pela rua Demétrio Ribeiro e só percebi que achava-me nesta rua, quando cheguei á rua General Auto.

Ahi' parei-me a olhar desanimado em torno a mim e entre um suspiro abafado, exclamei:

Ah! Canguarino, Canguarino, quem mandou-me ouvir tuas «cantigas».

Deixe-me ficar ahi, na esperança de que o acaso me proporcionasse assumpto.

Mas quasi succedeu-me o que diz um rífico: — Quem espera... desespera.

Éra justamente o que me principiava a acontecer, quando, ao longe, muito longe, ouvi uns sons que davam-me a idéa de duas gotteiras que cahem sobre uma folha e que produzem sons diversos.

Estava a dar tratos á bola, afim de saber donde provinha tal som, quando vi um joven sobragando um violão.

Reanimei-me e resolvi esperar.

Quem sabe se não seria o desejado assumpto?

A uns vinte passos parou o trovador enfrente a uma casinha de bonita apparencia e depois de ter concertado o pello e afinado o violão, começou a cantar uma modinha.

Aos primeiros versos, pareceu-me que cantava um barytono; ao ouvir o estribilho, disse: — Deveria ser um bello tenor se não estivesse tão cansado. Mas quem tivesse ouvido o ultimo verso e não visse quem cantava, juraria que era um soprano.

Seguiram-se ainda varias caungetas muito em moda e em diferentes tons de voz.

Mas a que mais me agradou, foi a primeira que pareceu-me a musica da antiga modinha "Pescador da barca bella" adoptada a alguma espirituosa parodia e na boa fé, sem medir a im-

prudencia que commettia, dirigi-me ao cantor, trocando este dialogo:

— Boa noite cavalheiro
— Boa noite, senhor, respondeu-me o moço, typo realmente sympathico e bem trajado.

— Obsequiar-me-ia em extremo, se o cavalheiro quizesse repetir uma das modinhas que ouvi...

— Pois não, respondeu-me o moço, interrompendo-me e já afinando o buso, todo disposto a cantar; como, porém, não era a modinha que eu desejava, o interrompi, e julgando que o elogiava citando os primeiros versos que eu ouvira, atrei aos ouvidos do pobre rapaz, esta mostruosidade:

— Pescador da barca bella
— Onde vaes caçar moela?

O rapaz, impertigando-se todo, com voz que bem demonstrava a sua justa indignação, chimpou-me pelas coxas esta insultuosa recriminação:

— Se não me prezasse de ser um homem educado, castigaria o seu atrevimento, o que deixo de faz-lo visto tratar com um garoto.

Dito isto girou nos calcanhares a guisa de militar, erecto qual casuarina.

Eu ainda fiquei dois minutos aturdido e só depois foi que lembrei-me que o homem tinha cantado com certeza:

— Pescador da barca bella
— Onde vaes pescar com ella?

E, lembrando-me que aquelle «bruto» poderia reflectir e, desprezando os foros de educação, voltar muito resolvido a «desalinhavar-me» a torre dos pilhões com o violão, fui «afurando de barriga» accleradamente para o «batacão» e só pude respirar depois que escorei a porta com meia taboa de assoalho.

Ah! Canguarino, que me metesses na moleira a mania de escrever, vá de barato, porém, que devido a isto, me arranjes tambem uma casaca de pau como iam me custando estas linhas, ah! isso é demais!

5 julho, 1904. S. Pereira.

Conto

Do Indico

Juntos estavam
muito petulante
uma menina
com seu amante.

Enamorado,
muito seductor,
elle dizia
com muito amor:

«Eu te idolatro,
meu doce bem,
e tu me matas
com teu desdem,

tu es minha vida,
minha illusão,
por tu palpita
meu coração».

Diluciano d'Alba

O BICHO

A noite de S. Antonio, neste malfadado anno de questões do Acre e do Jarú, de 1904, foi uma noite terrivel em que choveu, como se diz vulgarmente, quasi aos «cachorros beberem agua em pé».

Não ultimo bond do Arraial da Gloria, somente duas passageiros se viram: era um rapaz de vinte oito annos e uma bella senhora de vinte e cinco.

O rapaz, como é natural, não achou má a companhia e, quando ella abrindo um livrinho que trazia na mão, pôz-se a ler, já elle se preparava para entabolar conversação.

Este facto não o desconcertou e dirigindo-se á senhora disse:

— É-z muito feio!

A senhora lhe não respondeu.

— Corre uma noite humida e insupportavel!

Respondeu-lhe ainda o silencio. A leitura parece que absorvia toda a companhia de viagem do nosso homem, que começava já a sentir na espinha as cocegas da contrariedade.

— Penso que a senhora iria até ao fim da linha!

O mesmo mutismo sepulchral.

— Diga-me, minha senhora: é casada ou solteira?

— E em que pode interessar ao senhor uma tal minucia! disse a senhora agastada.

O joven de si para si:

— Não pecca por amavel! E eu o sinto bem porque não é nenhuma «asneira». Depois dirigindo-se a gentil companhia:

— O que é que eu a vejo a ler com tanto interesse?

E aproveitando-se de um solavanco do carro, que, certamente, passara sobre uma pedra, inclinando-se para ella pôde ler:

O bicho e o sonho.

— Ah! — pensou o joven — Parece-me que a tenho segura! Experimentemos se falla...

E perguntou em voz alta:

— A senhora gosta de jogar no bicho?

— Mas senhor...

— Pergunto porque a vejo muito interessada a consultar este livro, o qual vos asseguro que nada vale senão para vos fazer perder dinheiro e tempo.

— Não sei, não sei, isso ao senhor...

— E que lastimo!

— Vejamos, senhor; quer fazer o obsequio de deixar-me tranquilla? Não tenho a honra de conhecê-lo e não estou para o aturar!

— Se soubesse quem eu sou, garanto que lastimaria não conhecê-lo.

— Que coiza insupportavel, meu Deus!

— Insupportavel por ter a senhora me inspirado interesse?

— Porém, que interesse é esse que lhe inspirei e porque lho inspirei?

— Si não fosse o máo humor que a senhora tem demonstrado, já o teria dicto.

— Pois diga-o de uma vez e acabemos com isso. Estou cansada...

— Que livro lha a senhora?

— É essa!...

O bicho e o sonho e uma relação de probabilidades para o bicho de amanhã.

— Sim senhor!

— Pois... está a senhora perdendo o tempo de uma maneira lastimavel, porque tudo isso é falso!

— Ah! Sim?...

E a bella olhou, com expressão de interesse, o seu interlocutor, que disse de si para si:

— Está pegando! Está pegando!

E continou:

— Que pena!
 — Porém... si a senhora me quizesse conceder alguns instantes de attenção... coisa de meia hora...
 — Tão tarde!...
 — Isto que importa, contanto que a senhora oriente-se na maneira de firmar seus palpites.
 — Ah! Isto é...
 — Conheço uma casa, aqui no fim da linha onde ha um gabinete em que podemos conversar em inteira liberdade e será questão de um momento o polia no conhecimento de meu systema de jogar.
 E o disse por maneira que a empedida jogadora, exclamou resolutamente:
 — Bem, vamos lá!
 O joven fez parar o carro e descendo e ajudando a a descer, disse:
 — Felizmente estamos perto da casa.
 O que ahí occorreu? qual o systema que foi por elle ensinado á moça?

Não o sabemos, porque não os acompanhámos; sómente podemos dizer, por ter ouvido no dia seguinte ao creado do tal restaurant, que uma hora depois quando sahiram, dizia o rapaz á sua companheira:

— Estás pois convencida que o meu systema é infalível e que uma vez applicado sempre "pinga" alguma coisa.

Bronius Junior.

Badaladas

Por um bicheiro raptada
 Foi sua bella aceteira,
 Ficando assim a coitada
 Desde agora uma bicheira.

Chico Varela.

Discurso

(Continuação)

O povo é uma mina de facil exploração onde a picareta da lei manjada pelos delegados sempre com fôrças de veias, rasga os musculos henebros e abre galerias em todas as direções; e a inconsciencia dos direitos solidifica o terreno trabalhado, firmando as abobadas que jamais se abolam senão por effeito das explosões do grito da ira popular que provém das emanções de uma consciencia nova, que nasce com os labores da razão trabalhada pelos que tem feito cabedal da verdade.

E' esta uma outra razão senão a unica pela qual as sociedades bem orientadas influem de uma maneira benéfica e decisiva, nos destinos dos povos.

Quando uma collectividade qualquer ergue-se a ideia do trabalho para a consecução de um ideal altruístico, seja qual for, quando todos os membros desta collectividade ligam-se a essa ideia e tem-na como principal preocupação,

essa sociedade começa a influir na tendencia geral do povo e sua aspiração pôde vir a ser o marco característico de uma época.

Imaginemos uma associação que se agita no intuito de proporcionar instrução aos seus socios, ou que preoccupa-se com o mutuo auxilio, e teremos no primeiro caso, nos membros dessa collectividade um aspirar ao melhoramento intellectual que deverá fatalmente influir no caracter do povo em cujo seio ella vive, no segundo, em ascender á perfectibilidade moral que se manifesta pelo interesse de cada individuo pela collectividade e dessa por cada um dos seus membros, logo, que vive entre o povo, que é o sentimento desse povo.

Intermuros, onde se agitam os membros da collectividade, começa a soprar essa corrente sympathica de levantamento ou de solidariedade que, passando extiamuros, domina mais tarde um povo inteiro.

As épocas historicas — á semelhança das estações são propicias ao desenvolvimento dessa ou daquella ideia, como aquellas são favoraveis ao amadurecimento desse ou daquella fructo.

O que cumpre é um esforço propagador do ideal que se quer firmar com o favor da época, como o que cumpre fazer para o amadurecimento do fructo é o cuidar da planta.

Aproveitar uma época e todos os fructos que ella pôde amadurecer é fazer o mais que se pôde em beneficio do progresso, e fazer pela humanidade o mais que a humanidade pôde fazer a si mesma.

(Continúa.)

Notas semanaes

Sociedade Typographica Porto Alegrense. Domingo effecto-se em um dos salões do theatro S. Pedro, a convocada reunião dos typographos e classes aíns.

A' esta reunião, que foi convocada com o intuito de reerguer a sociedade que tem o titulo acima e que ha seis annos estava inactiva, compareceu grande numero de operarios dos diversos officios graphicos.

A's 11 horas, precisas, foi pelo sr. José Ferla, vice-presidente da Typographica dado começo aos trabalhos do dia que em resumo constaram — da declaração da necessidade da reforma dos estatutos, da deliberação de que a directoria provisoria confeccione um projecto de accordo com e as emendas que forem apresentadas por escripta aos já existente, da eleição desta directoria e da commissão de contas que ficaram assim constituídas: presidente, o sr. José Ferla; vice-presidente, o sr. Antonio Haidt; secretario, o sr. Theodoro Garcia Junior; thesoureiro, o sr. Candido Iba; e membro da commissão os sr. Anarolino Silva, Francisco Xavier da Costa e Elizio Antonio de Medeiros.

cidade de hoje, e evocando sua reminiscencia, encontrá-la ou que vamos descrever, a rapidos traços.

Abragada pelo Guahyba e pelos trincheiras existia uma area de terra que enfiava um regular molho de ruas pouco rectas e menos assediadas, povoadas de casas, algumas bellas para o gosto de então, porém de pesada architectura e abrigando mais ou menos 25,000 almas.

Porém difficilmente os leitores poderão avaliar qual a extensão de Porto Alegre se não souberem o que eram as trincheiras e o que lhes vamos explicar.

As trincheiras eram por as no dizer as muralhas da velha cidade. Consistiam em um profundo vallo e um cunho ruo-ro feito da terra delle tirada e reforçada em alguns logares por grandes pedras, paliçadas etc. Estas trincheiras que começavam no litoral no Caminho Novo, em frente á rua que actualmente tem o nome de coronel Vicente e dali seguiam em linha recta até a casa de quem deu seu nome a esta rua, depois em direcção obliqua até os fundos da igreja dos Passos, donde, passando pelos fundos do hospital da Santa Casa, que então somente tinha o pavimento onde ha annos esteve o Hospital Militar, seguiam até a esquina do quartel do 8.^o batalhão

Peditorio. Commegou o do corrente o peditorio para as feiras de S. Joaquim.

Novenas. Principiaram, quinta-feira, 7 do corrente, as novenas de N. S. do Carmo.

Praça de touros. — O diestro torero Manoel Vera — el Mazanlido, que aqui esteve como 2.^o espada na quadrilha dirigido por Troni, e que, ha tempos, noticiámos, pretendia construir uma praça nesta cidade já deu começo a este trabalho.

O local em que a praça vae ser construida é em um terreno de propriedade do sr. commendador Baptista, sito á rua da Concorria esquina da Republica, e a praça cuja lotação será de 3500 pessoas, terá 30 camarotes e um ruedo de 31 metros de diametro.

Que differença! — Na noite de 6 do corrente, andaram os estudantes de direito em justissima manifestação de regosio por contarem o 1.^o anniversario do reconhecimento da Escola de Direito de Porto Alegre.

Ouvindo os foguetes e a musica, dissemos: — Que differença ha na maneira dos governos tratarem as classes abastadas e as proletarias! Ainda se não fallava em academias e já o Parthenon Litterario tratava de construir patrimonio para um Lyceo de Artes e Officinos, entretanto estamos a vel-o por um oculo.

Tambem, para que? O proletario não necessita melhorar sua condição: nasceu para besta de carga e besta de carga morrerá.

Entre nós. Acha-se de passeio nesta capital a exma sr. d. Thereza dos Santos, digna esposa do nesso amigo Franklin Flores dos Santos, residente em Viámio.

Typos

V

Os Gamas são o diabo...

Pasma a audacia sua!

Um outro monta na Lua!

Porém, vejo (o musa crua,

não torças aqui o rabo!)

é menos montar no Cabo,

do que o é montar na Lua...

VI

Foi o paé sapateiro

A filha litteratona.

E' natural: um ratão

gerar ha de uma ratona.

De dia — que amolação?

enche tiras esta dona,

de noite, sobre o colchão

cheia de caldas ressona.

Zé

Calendario social

Matrimoniaram-se hontem e laborioso operario sr. Hyppolito Francisco de Assis e a distincta senhorita Sara Teixeira.

Paranympharam o acto por parte do noivo o sr. Leonel Correia e da noiva o nesso amigo Alisson José Torres e sua exma. esposa.

Profetas. Fizeram annos: A 5, o menino Euclides Antonio da Silva, filho de d. Idalina da Silva;

A 6, a graciosa menina Olga dos Neves, filha de d. Alice Nunes Areias, e a senhorita Alzira Dias, filha do honrado operario João José Dias.

A 7, o digno moço sr. Francisco Coelho da Silva.

A 8, o benquistado joven Ramão Pereira da Silva, dilecto filho adoptivo do nesso amigo Ramão Pereira Flores.

Hoje, a exma. sr. d. Domingas Carolina de Lima, irmã dos sr. Izido Homero e Luiz Frederico Homero.

A 9, o interessante menino Augusto, filho do nesso amigo Augusto Pires Noronha.

Fazem annos hoje: O nesso amigo Antonio Pio Arara, actualmente em Montevideo, e o sr. Apprigio Adão Salvador, habil constructor em madeira.

A 13, a senhorita Paulina Emilia de Sampaio, filha do finado Horacio Emilio de Sampaio.

Fará annos a 14, o joven Octacilio Maciel.

Contractaram casamento o conceituado joven Belarmino Guilherme da Silveira e a interessante senhorita Rosa Gonçalves, ambos residentes em Viámio.

Progresso da Juventude.

Este sympathico club dançante, realisa, sabbado, 16 do corrente, no salão sito á rua Benjamin Constant n. 343, a sua partida mensal.

Seu presidente, o digno cidadão Antonio Lopes da Silveira não tem poudo esforços para que a partida seja candidativa e animada.

Magos do Oriente. — O apreciado terço de reis, que assim se denomina, chamou a postos os seus membros em sessão preparatoria que realison-se na noite de 8 do corrente, para tratarem do assumpto que os congrega.

Manifestação de apreço. —

O nesso estimado amigo e conceituado moço Pedro Paulo de Barros, foi por motivo de seu anniversario surpreendido por seus innumerios admiradores com expressiva prova da consideração dignificante em que é tido; pois, além de outras offerecidas, o mimosearam com o seu retrato a bromuro, trabalho bellamente acabado pelo habilissimo amador Paulino de Souza Bastos.

Apezar de serem passados já alguns dias, não é tarde para enviarmos ao amigo, as nossas felicitações, pois actos, como o que noticiámos, perduram inde-

Os aterramentos do local onde hoje está o Mercado Novo, como era vulgar dizer-se ainda a uns vinte e poucos annos, para distinguilo do mercado-velho um pomal de africanas quitadeiras, que existiu alli, mais ou menos por onde está collocado o chafariz e o chalet da praça 15 de Novembro, ainda não tinha sido começado.

Mas deixemos esta descripção insoça da Porto Alegre do passado, descripção que já vae longa, para tratarmos dos factos que julgamos o principal de quanto temos a narrar.

Quem, na tarde de 24 de Dezembro do citado anno de 1849, estivesse, na antiga praça do Paraíso, nas immedições da Casa da Opera, á beira da praia, sobre as paredes de pedras empilhadas quasi sem argamassa, a olhar as ilhas fronteiras, que á semelhança de esterealdas encravadas em placas de aluminio, estão quasi originaes barcos de verdura, ancoradas em meio da bellissima bahia do Guahyba, teria visto cinco lanchas que, surdindo dentre a gargante de duas ilhas, deslizavam em demanda da terra na margem de cá.

(Continúa)